

Em 2003, Ernst Tugendhat publicou *Egozentricität und Mystik* (EM) e, quatro anos depois, em 2007, *Anthropologie statt Metaphysik* (AM). Essas duas obras são, até aqui, o último produto sistemático de seus esforços para construir e defender uma posição consistente em filosofia prática, fechando um ciclo de três décadas. Foi nos anos oitenta que foram publicados os seus primeiros trabalhos sobre ética, tema que, em sintonia com o que havia apresentado a respeito da filosofia teórica na década anterior, ele abordou com os recursos de uma analítica da linguagem.

Não deixa de ser curioso que a trajetória intelectual de Ernst Tugendhat o tenha levado à antropologia filosófica e à mística. Dos estudos com Heidegger à adoção da análise lógico-semântica da linguagem como método em filosofia, seu pensamento é uma longa, mas consistente, ruptura com uma tradição para a qual a antropologia filosófica é central. O papel dessa disciplina naquela tradição é de síntese, uma vez que colige sob um só teto, bem ao gosto, aliás, da arquitetura kantiana, as dimensões teórica, prática, estética, mas também mística do homem. Nesse diapasão, antropologia e metafísica são duas faces da mesma coluna de sustentação da estrutura filosófica. Contudo, sua abordagem da antropologia filosófica é, mais uma vez, de ruptura com a tradição na qual se formou. Com Tugendhat, a antropologia filosófica também é sintética, mas sua costura é de todo imanente e, portanto, anti-metafísica. Sob esse prisma, que ele tenha chegado à mística e proposto uma antropologia filosófica pode surpreender, mas o resultado não destoia do processo.

O que está em jogo no tratamento da mística e de alguns dos temas mais caros à antropologia filosófica, como o nosso temor da morte, a autonomia e a liberdade, a religião e a honestidade intelectual, é apontar uma direção descendente em filosofia, da metafísica à antropologia, da história à biologia, do homem à natureza humana e, finalmente, da transcendência à imanência. Falo em apontar uma direção, porque Tugendhat não tem a ilusão de que os resultados que apresenta sejam suficientes para preencher de conteúdo uma antropologia filosófica que se oponha à metafísica. Seu ponto é mais modesto e, no entanto, mais filosófico: mostrar uma nova maneira de ver o mesmo, de ver o que é comum.

Sua posição pode ser vista, em muitos aspectos, como uma marcha reducionista, mas justamente por isso ela está em sintonia com um movimento florescente em filosofia e que a reconecta com as ciências, sobretudo a biologia. Trata-se do naturalismo, cujo matiz em Tugendhat é sutil, embora nunca hesitante. Dessa orientação para a dimensão biológica no homem, já dava sinais os seus textos a partir do fim dos anos noventa, como em “Como devemos entender a moral” (*Philosophos*, 2001, pp.59-84) ou, de modo muito mais agudo e menos preocupado em defender uma versão do contratualismo (“Moral in evolutionstheoretischer Sicht”. In: *Aufsätze*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001, pp.199-224).

A despeito da popularidade de Tugendhat nos meios acadêmicos brasileiros, esta última fase de seu pensamento ainda está à espera da discussão que merece. A demora na publicação das versões em português desses dois livros conta, sem dúvida, entre as razões para esse fato, sobretudo no tocante ao primeiro livro,

Egocentricidade e Mística, já que dos textos do segundo volume, versões preliminares circularam enquanto o autor esteve no país para diversas conferências durante a década passada. Esta situação, pela qual sou um dos responsáveis, deve começar a mudar em breve. Da primeira obra, há uma versão em português, feita por Valério Rohden e por mim, e que será publicada ainda em breve (2013) pela Martins Fontes. Da segunda, organizo uma tradução definitiva com a participação de diversos colaboradores e cuja previsão de publicação é 2014.

O presente número de *Intuitio* antecipa-se a essas publicações e trás ao leitor o trabalho de oito pós-graduandos sobre alguns dos artigos publicados em *Anthropologie statt Metaphysik*, além de outros que serão acrescentados à edição brasileira da obra. O livro, com base nas versões preliminares disponíveis dos textos, foi objeto de uma disciplina que ministrei no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNISINOS, no segundo semestre de 2011, curso no qual também os manuscritos da tradução de *Egocentricidade e Mística*, foram colocados à disposição dos alunos e serviu de base a alguns dos trabalhos aqui reunidos.

A propósito desses textos e de suas citações neste volume, valem as seguintes observações. As traduções citadas de TUGENDHAT, E. *Egozentricität und Mystik: eine anthropologische Studie*. München: Beck, 2003, correspondem aos manuscritos da versão para o português preparada por Valério Rohden e por mim e que está no prelo conforme as seguintes referências: *Egocentricidade e Mística: um estudo antropológico*. São Paulo: Martins Fontes. Dessa obra, todas as citações foram feitas conforme a paginação dos originais em alemão, já que a versão em português ainda não está disponível. Do mesmo modo, as citações dos textos da coletânea *Anthropologie statt Metaphysik*. München: C. H. Beck, 2007, são todas de traduções deste editor a partir de versões preliminares para o português de Tugendhat. As paginações indicadas correspondem também à edição alemã disponível. A única exceção é o texto “Retraktationen zur intellektuellen Redlichkeit”, para o qual Tugendhat tem uma versão para o espanhol e que serviu de base para a tradução ao português feita por Ramon F. Wagner, cotejando os originais em alemão. Finalmente, as citações da coletânea *Aufsätze 1992-2000*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001, em especial as do texto “Moral in evolutionstheoretischer Sicht (2000)” seguem o mesmo padrão das duas obras anteriores e têm tradução minha com indicação da paginação da edição em alemão.

A ideia de publicar em forma de artigos os trabalhos finais depois de discutidos e revisados durante o semestre foi já no início da disciplina discutida e corajosamente esposada pelos alunos, cujo esforço só pode ser recompensado pela leitura crítica de suas contribuições. Submetida aos editores da *Intuitio* naquele período, Marco Fanton e Roberto Pich, o projeto foi generosamente acolhido. A sua realização coube, então, ao sucessor de Fanton, Juliano do Carmo. Viviane Magalhães Pereira, doutoranda do PPG em Filosofia da PUC-RS, assumiu a revisão e normalização dos textos. Deve-se à competência e gratuita disposição de ambos que o projeto tenha sido levado a bom termo. A todos esses os meus mais sinceros agradecimentos; aos autores, os meus cumprimentos pelo resultado que agora se submete à crítica; e, ao nosso público, uma boa leitura.

Adriano Naves de Brito
Editor convidado

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 2	Novembro 2012	p. 04-05
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------